

## **“PRAZER SEXUAL EM TEMPOS DA COVID-19”: CELEBRANDO O DIA MUNDIAL DE SAÚDE SEXUAL 2020, COM A WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH E A SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS EM SEXUALIDADE HUMANA**

*Alcione Bastos Alves,<sup>1</sup> Claudia Regina de Oliveira Vaz Torres,<sup>2</sup> Maria José Souza Pinho,<sup>3</sup>  
Tereza Cristina Fagundes<sup>4</sup>*

**“SEXUAL PLEASURE IN COVID-19 TIMES”: CELEBRATING WORLD SEXUAL HEALTH DAY 2020,  
WITH THE WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH AND THE BRAZILIAN SOCIETY  
FOR THE STUDY ON HUMAN SEXUALITY**

**“PLACER SEXUAL EN TIEMPOS COVID-19”: CELEBRACIÓN DEL DÍA MUNDIAL DE LA SALUD  
SEXUAL 2020, CON LA ASOCIACIÓN MUNDIAL PARA LA SALUD SEXUAL Y LA SOCIEDAD  
BRASILEÑA PARA EL ESTUDIO DE LA SEXUALIDAD HUMANA**

**Resumo:** Prazer sexual em tempos de Covid-19 foi o tema da celebração do Dia Mundial de Saúde Sexual 2020, que motivou as reflexões que resultaram neste artigo. Contextualizando a Declaração dos Direitos Sexuais, abordamos inicialmente a educação em sexualidade como um imperativo e como um direito, enfatizando a abrangência desta educação com crianças e adolescentes, na família, na escola e em outros espaços socioeducativos. Discutimos a questão do prazer sexual limitado neste tempo de distanciamento social, isolamento e quarentena, bem como as consequentes desmotivações, frustrações, estresses, medos e violências entre as pessoas. Nesse sentido, esperamos contribuir para a discussão sobre essa situação histórica e excepcional causada pela pandemia no que se refere a questões relacionadas às alterações e vivências das sexualidades.

**Palavras-chave:** Prazer. Sexualidade. Direitos sexuais. Covid-19.

**Abstract:** Sexual pleasure in Covid-19 times was the theme of the World Sexual Health Day 2020 celebration which motivated reflections resulting in this article. Contextualizing the Declaration on Sexual Rights, we initially approached sexuality education as an imperative and a right, emphasizing the scope of this education with children and adolescents, in the family, at school and in other socio-educational spaces. We discussed the issue of limited sexual pleasure in this time of social detachment, isolation and quarantine, as well as the consequent demotivation, frustrations, stress, fears and violence among people. In this sense, we hope to contribute to the discussion on this historical and exceptional situation, caused by this pandemic, regarding issues related to sexualities changes and experiences.

**Keywords:** Pleasure. Sexuality. Sexual rights. Covid-19.

<sup>1</sup> Médica Ginecologista, mestranda em Psicologia Clínica e Intervenções em Saúde pela Escola de Medicina e Saúde Pública; pós-graduada em Psicologia Analítica pelo Instituto Junguiano da Bahia e em Sexualidade Humana pela Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH). Subdelegada Regional da SBRASH na Bahia (2020-21).

<sup>2</sup> Psicóloga, pedagoga, mestra e doutora em Educação. Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Universidade Salvador (Unifacs). Psicóloga do Hospital de Custódia e Tratamento em Salvador-Bahia. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS), Recôncavo: território, memória cultura e ambiente e FORMAGEL. Pesquisadora e extensionista, autora de capítulos em livros e vários artigos sobre saúde mental, sexualidade, gênero e sistema prisional.

<sup>3</sup> Bióloga, mestra e doutora em Educação. Pós doutora em Universidad de Cádiz-Espanha. Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Estudos em Educação Científica (GEEC) da UNEB. Subdelegada Regional da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH) na Bahia (2020-21).

<sup>4</sup> Doutora em Educação e professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisadora, extensionista e autora de publicações na área de Educação em Sexualidade, entre outras. Associada da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH) desde a sua criação; Diretora de Relacionamento e Delegada Regional na Bahia nesta gestão (2020/2022). Membro da Comissão de Educación y Formación Continua de FLASSES (2018-2020).

**Resumen:** El placer sexual en tiempos de Covid-19 fue el tema de la celebración del Día Mundial de la Salud Sexual 2020, lo que motivó las reflexiones resultantes en este artículo. Contextualizando sobre la Declaración de Derechos Sexuales, hablamos inicialmente de la educación en sexualidad como un imperativo y como un derecho, enfatizando el alcance de esta educación con los niños/niñas y adolescentes, en la familia, en la escuela y en otros espacios socioeducativos. Debatimos el tema del placer sexual limitado en esta época de desapego social, aislamiento y cuarentena, así como la consecuente desmotivación, frustraciones, estrés, miedos y violencia entre las personas. En este sentido, esperamos contribuir a la discusión sobre esta histórica y excepcional situación provocada por la pandemia en lo que hace referencia a temas relacionados con los cambios y vivencias de las sexualidades.

**Palabras clave:** Placer. Sexualidad. Derechos sexuales. Covid-19.

## Introdução

A sexualidade, como dimensão central na vida das pessoas, é um direito, nem sempre assegurado às crianças, jovens e adultos em diferentes partes do mundo. Ciente desse contexto, a Associação Mundial de Saúde Sexual – World Association for Sexual Health (WAS) – promulgou a *Declaração dos Direitos Sexuais* e convidou grupos e associações a celebrarem a saúde sexual mundial como bem-estar e direito de todos. E escolheu um dia, 4 de setembro, como o Dia Mundial de Saúde Sexual. Na Bahia, como em outros estados do Brasil e em vários países do mundo, anualmente, como parte dessas celebrações, são realizadas ações socioeducativas, artísticas e culturais objetivando promover uma maior consciência social da saúde sexual de crianças, jovens e adultos.

Nos últimos anos, assumida pela Delegacia Regional da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH), efetivamos esta celebração com ações em universidades, escolas e em outros espaços culturais e educativos. O envolvimento e a avaliação dos participantes sempre foram altamente positivos, reforçando, desta forma a continuidade da experiência.

Em 2020, numa situação ímpar de isolamento e distanciamento social, realizamos uma Roda de Conversa em parceria com o Grupo de Estudos em Educação Científica (GEEC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VII,<sup>5</sup> que vem desenvolvendo uma série de atividades de formação e atualização em temas contemporâneos nomeados “Diálogos da Quarentena”. Essa atividade tomou como ponto de partida a problemática da pandemia que assolou o mundo – a Covid-19 – decorrente do vírus SARS-CoV-2, mais conhecido como “Coronavírus”, causador de um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros mais graves como a morte, e os direitos sexuais promulgados pela World Association for Sexual Health (2014), na *Declaração Mundial dos Direitos Sexuais*:

1. Direito a igualdade e a não discriminação.
2. Direito à vida, liberdade, e segurança pessoal.
3. Direito à autonomia e integridade corporal.
4. Direito de estar isento de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante.
5. Direito de estar isento de todas as formas de violência ou coerção.
6. Direito à privacidade.
7. Direito ao mais alto padrão de saúde atingível, inclusive de saúde sexual; com a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras.
8. Direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações.
9. Direito à informação.
10. Direito à educação e direito à educação sexual esclarecedora.
11. Direito de constituir, formalizar e dissolver casamento ou outros relacionamentos similares baseados em igualdade, com consentimento livre e absoluto.
12. Direito a decidir sobre ter filhos, o número de filhos e o espaço de tempo entre eles, além de ter informações e meios para tal.
13. Direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão.
14. Direito à liberdade de associação e reunião pacífica.
15. Direito de participação em vida pública e política.
16. Direito de acesso à justiça, reparação e indenização.

Durante a Roda de Conversa, alocada na Plataforma de acesso YouTube<sup>6</sup> e neste artigo, consideramos para reflexão, tendo em vista o tema central, alguns direitos estabelecidos na Declaração.

<sup>5</sup> Divulgação feita através das diferentes mídias sociais e no álbum do Brasil que fica na página oficial do evento em português - <https://www.facebook.com/4setbrasil> ou [Diamundialsaúdesexual](https://www.facebook.com/Diamundialsaúdesexual) WASBrazil.

<sup>6</sup> Canal do Grupo de Estudos de Educação Científica (GEEC/UNEB): <https://www.youtube.com/watch?v=Bi-mdEnSyLo&t=1s>

## Educar em sexualidade como um imperativo e como um direito

A celebração do Dia Mundial de Saúde Sexual em todo o mundo é uma forma de assegurar os direitos proclamados pela Declaração da WAS, em especial, o direito à informação (9) e o direito à educação sexual esclarecedora (10).

Ao nomearmos Educação em Sexualidade, a entendemos como um processo educativo que se inicia na família e continua nas escolas e universidades, pois se entrelaça com a própria sexualidade, que começa ao nascer e acompanha as pessoas durante toda a vida.

Quando estamos refletindo sobre o educar, que muitos confundem com informar, ensinar, instruir, retomamos o sexólogo Nelson Vitiello (1992, p. 1) que nos esclarece com precisão em que consiste cada um desses processos. Para ele:

- Informar é uma atividade de ensino, de instrução, e não de educação, ao menos enquanto a informação for passada isoladamente;
- Orientar implica um mecanismo mais elaborado, segundo o qual, baseando-se na experiência e nos conhecimentos do orientador, se ajuda o orientando a analisar diferentes opções, tornando-o assim apto a descobrir novos caminhos...
- Aconselhar, por outro lado, consiste em auxiliar o aconselhando a decidir-se por um ou por vários dos possíveis caminhos que ele próprio já conhece...
- Educar é muito mais do que a soma do informar, orientar, aconselhar... significa 'formar', na acepção de que o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente.

A informação compreende fatos, conhecimentos ou conjunto de dados que se tornam públicos, conhecidos, divulgados, através de pessoas e dos meios de comunicação. Nesta acepção, a informação sexual consiste em todas e quaisquer expressões de saberes e de esclarecimentos relativos à sexualidade que nos chegam advindos de variadas fontes.

A *Declaração dos Direitos Sexuais* (WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH, 2014) referencia que "Todos devem ter acesso à informação cientificamente precisa e esclarecedora sobre sexualidade, saúde sexual, e direitos sexuais através de diversas fontes. Tal informação não deve ser arbitrariamente censurada, retida ou intencionalmente deturpada" (Direito 9).

Ter informações, por outro lado, não implica em ter conhecimento. Crianças, adolescentes, adultos de todas as idades acumulam muitas informações. Entretanto, a

informação por si só não leva ao conhecimento, saberes e entendimento.

Educar em sexualidade, como todo processo educativo é muito mais do que informar, deve promover não somente a compreensão de conhecimentos e vivências sobre sexualidade, como também a possibilidade de utilização adequada desses conhecimentos e vivências que conduzam à autonomia, responsabilidade, escolhas conscientes, segurança e prazer.

Além do conhecimento, que ocorre a nível consciente e racional, educar para a sexualidade envolve a revisão de crenças que atuam no campo irracional e, até mesmo, do inconsciente. O conhecimento apela para a lógica e a crença, na aceitação à crítica de algo como sendo verdadeiro, independente de comprovação racional. Acrescentamos ao conhecimento e às crenças, o componente que apresentamos com relação a um objeto ou situação - sentimento ou reação emocional-afetivo (FAGUNDES, 2011, p. 105).

Acrescentemos que, diversamente do que acredita a maioria das pessoas, a educação em sexualidade não se limita ao que é dito e feito no intuito de educar. Compõem elementos dessa educação os silêncios, as negações, as atitudes limitadoras com relação à visibilidade dos corpos, as informações distorcidas veiculadas em situações do cotidiano, os comportamentos de repressão das expressões espontâneas de sexualidade, entre outras.

Educação em sexualidade implica em formação. Começa na família, tem continuidade na escola e precisa ser assumida pelo Estado em suas esferas: municipal, estadual e federal. Isso porque a educação em sexualidade precisa e deve ser efetivada de maneira informal (na esfera familiar), formal (nas instituições de ensino) e não formal (além da escola por outras instâncias educativas).

A contribuição da família como educadora da sexualidade fundamenta, de forma marcante, a vivência da sexualidade de uma pessoa durante toda a sua vida e constitui, também, a matriz dos relacionamentos interpessoais que se reproduzirão, com maior ou menor intensidade, em outros ambientes sociais, como a escola (FAGUNDES, 2011, p. 104).

Na escola, as ações de educação em sexualidade poderão acontecer em dois formatos: dentro da programação dos componentes curriculares, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas, e extra programação, sempre que surgirem oportunidades – situações problemas, questões, vivências e exemplos relacionados ao tema.

Neste tempo de Covid-19, sem dúvida, o processo de educar em sexualidade por parte das instituições escolares está comprometido, visto que, somente pode acontecer se forem mantidas as interações

professores-estudantes, pelas plataformas virtuais que, sabemos, nem todos tem acesso.

Vista como um direito, a educação em sexualidade prevista na *Declaração dos Direitos Sexuais* (WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH, 2014) é assim definida

Todos têm o direito à educação e a uma educação sexual esclarecedora. Educação sexual esclarecedora deve ser adequada à idade, cientificamente acurada, culturalmente idônea, baseada nos direitos humanos, na equidade de gêneros e ter uma abordagem positiva quanto à sexualidade e o prazer (Direito 10).

Este direito começa na infância sendo basilar o desenvolvimento biopsicossocial da criança e prossegue considerando as outras fases da vida.

Educar em sexualidade pressupõe facilitar o conhecimento e entendimento do próprio corpo em todas as suas dimensões, a formação da imagem corporal, autoimagem e autoestima, o entendimento das sensações, desejos, prazer, diferenças entre os toques e demonstrações agradáveis de carinho e afeto dos que lhes ofendem e agredem, sobre mudanças do corpo na puberdade, intimidade, privacidade, vínculos positivos e aqueles que ameaçam a sua integridade, identificar, negar e combater situações de manipulação e exploração.

Educar em sexualidade é contribuir para a construção das identidades entre as quais as de gênero, que se interseccionam com as tantas outras, para o respeito à diversidade, o entendimento de que as pessoas são múltiplas e únicas ao mesmo tempo; é contribuir para a conscientização da equidade entre os gêneros, o significado de ser mulher e ser homem, das múltiplas formas e incertezas quanto aos seus jeitos de ser e estar no mundo, compreender, desde cedo que as diferenças sexuais e anatômicas entre os corpos da mulher e do homem desencadeiam relações de poder e dominação, subsidiar as meninas a desenvolverem o empoderamento, combater o machismo e a misoginia e as diferentes formas de violência sexual e de gênero.

Educar em sexualidade é criar condições para o entendimento do significado de família e a amplitude das formas de arranjos familiares, relacionamentos, vínculos; é conversar sobre como é importante a comunicação e o diálogo sobre sexualidade com os pais, professores e amigos mais íntimos; é contribuir para a vivência saudável da sexualidade, distinguindo comportamentos enriquecedores dos prejudiciais a si mesmo e aos outros.

Avançando na compreensão e amplitude do que é a sexualidade humana, erotismo, desejo, prazer, escolhas, expressões de gênero, é aprender sobre as práticas do sexo seguro, sobre o controle voluntário da reprodução, prevenção às infecções sexualmente transmissíveis e todas as formas de combate à violência.

Oportunidades como esta da Roda de Conversa *on line*, na perspectiva de que a educação em sexualidade é um direito sexual e, por conseguinte, um direito humano, pretende abranger diferentes temáticas da sexualidade, que devem ser trabalhadas dentro dos limites de uma ação pedagógica virtual; uma educação em sexualidade abrangente, esclarecedora, convidativa à busca de mais saberes e experiências de formação, de aprendizagem e de crescimento.

Veremos a seguir, exemplos de temáticas que promovem uma educação em sexualidade.

### Entre o medo e o prazer, o que fazer?

O direito número 7 da *Declaração dos Direitos Sexuais* (WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH, 2014) determina que todos têm

O direito ao mais alto nível possível de saúde, incluindo a saúde sexual; com a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatória e segura. Toda pessoa tem direito ao mais alto nível possível de saúde e bem-estar em relação à sexualidade, incluindo a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatória e segura. Isso requer a disponibilidade, acessibilidade, aceitabilidade dos serviços de saúde de qualidade e acesso às condições que influenciam e determinam a saúde, incluindo a saúde sexual.

Em tempos de distanciamento social, isolamento e quarentena, apesar do prazer sexual ser um direito assegurado pela *Declaração dos Direitos Sexuais*, ele tem sido limitado entre as pessoas que não estão isoladas com suas parcerias sexuais, por questões de segurança à saúde em virtude das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) no tocante aos cuidados em mantermos distanciamento de pelo menos 1,5 metros e do uso de máscaras, sob pena de contrair o Coronavírus e adquirir a Covid-19. Apesar disso, muitas pessoas, principalmente jovens, têm se mostrado mais dispostas a arriscar suas vidas em nome do prazer sexual. O prazer é natural e independe do sexo biológico, gênero ou orientação sexual. Mas como as pessoas que estão mantendo o distanciamento, o isolamento e a quarentena e que estão sem parcerias sexuais, buscam satisfazer seu prazer?

O prazer é sinal de vida, e se ela está sob ameaça, deixa de ser uma necessidade natural e passa a ser uma busca opcional. O “prazer”, sempre foi visto como uma ameaça às grandes instituições, tanto religiosas, quanto políticas e econômicas. No século XIX, a tradição cristã colocava o prazer no campo da morte e do mal. A medicina antes mesmo dessa época, já dava insistentes conselhos de prudência e de economia no uso dos prazeres sexuais (FOUCAULT, 1984). A percepção de corpo passa por uma relação de culpa por sentirmos prazer, e mesmo quando tentamos reprimi-lo, este ainda permanece inconsciente



em nós. Das históricas de Freud, à libertação sexual do feminismo, chegamos, no século XX, às múltiplas descobertas nesta área. Quando tudo parecia mais liberado, a AIDS voltou a limitar as expressões de sexualidade. Conexões entre corpos são restringidas com o uso de preservativos, por exemplo, e atualmente com o uso de máscaras que impedem beijos e carícias com a boca.

Conexão, talvez tenha sido uma das palavras mais repetidas nos últimos meses. Enquanto buscamos uma boa conexão com o mundo exterior, as interiores vão ficando cada vez mais frágeis e raras. Assim, alheios aos anseios mais íntimos, vamos abrindo mão de fantasias e práticas sexuais. Entre lavar as mãos, limpar a casa, preparar as refeições, trabalhar e, para quem tem filhos pequenos, cuidar deles, não sobra muito tempo para tocar o corpo de forma sedutora. Antes de mais nada, deixamos de nos seduzir. Estamos sob uma impregnação virtual, excesso de estímulos que vem diretamente para o cérebro através dos olhos e ouvidos e muito poucos estímulos na pele. O toque cedeu lugar às *lives*, os beijos passaram a ser *emojis* e os abraços se resumiram ao toque com os cotovelos. Acreditamos que as consequências desse abandono ao toque ainda deverá ser “sentido” por algum tempo.

E como fica esse prazer no nosso corpo quando estamos mobilizados pelo medo? O medo é uma emoção primordial e universal que surgiu no nosso cérebro desde que tivemos que enfrentar os perigos que se apresentavam a nós, trezentos mil anos atrás, e a pergunta que precisávamos responder era basicamente: “será que eu como isso ou será que isso me come?” Assim, desenvolvemos ao longo dos anos, a capacidade de reconhecermos uma ameaça quando estamos na iminência de uma delas, seja ela real e imediata ou imaginária. Desencadeia-se, a partir daí, uma série de reações neuro-bioquímicas que nos habilitam a correr (fugir) ou nos defender (lutar). Lembramo-nos de Aristóteles (2000) para quem o medo é uma condição de padecimento ou perturbação proveniente de uma impressão de um mau futuro, destrutivo e dolente. Este pensador assevera que, apesar de todas as pessoas saberem que vão morrer, se a morte for vista como algo distante, não terão muito medo.

Um aspecto curioso que temos visto são as formas como os jovens têm burlado todo tipo de recomendação durante este período. Podemos pensar que eles não querem renunciar seus “prazeres”, ao passo que as pessoas mais maduras, estariam dispostas a fazê-lo por causa do medo da morte. Reconhecer o medo e saber evitar o perigo, faz parte do processo de tomada de consciência, assegura-nos Lopez-Pedraza (2010) inspirado em Aristóteles (2000), admitindo que podemos ser insensíveis àquilo que nos causa medo, de três maneiras diferentes: quando não temos experiência do perigo; quando temos recursos para enfrentá-lo; quando temos confiança em nós.

A pandemia nos mostrou que não possuímos, até agora, nenhum dos três requisitos. Sem conhecimento adequado do vírus, sem vacinas e sem ter em quem confiar, ficamos imersos no medo diário e constante.

Nossos medos já existentes se tornaram mais evidentes e se multiplicaram com a Covid-19. Quem estava saudável, passou a ter medo de perder a saúde; quem tem a saúde debilitada, percebeu a morte como uma sombra.

Estimativas das Sociedades Brasileiras de Patologia e de Cirurgia Oncológica (INSTITUTO ONCOGUIA, 2020, p. 1) admitem que

Desde o início da pandemia cerca de 50 mil brasileiros deixaram de ser diagnosticados com câncer. Outros milhares de pacientes que já estavam diagnosticados tiveram os tratamentos suspensos. Só em abril, cerca de 70% das cirurgias de câncer foram adiadas.

Constatamos ainda que, muitas pessoas deixaram de comparecer às consultas por medo de se contaminar e outras porque as consultas eletivas foram suspensas. Os infartos por sua vez, não pararam de acontecer; o diabetes avança com a falta do diagnóstico precoce e por conta da nossa indulgência alimentar, já que um dos prazeres é justamente a alimentação e dessa, os doces são mais consumidos quando estamos ansiosos. Quantos hipertensos deixaram de ser controlados diariamente? Sabemos que a hipertensão é a principal causa de acidentes vasculares cerebrais assim como o diabetes, das insuficiências vasculares periféricas. Sem controle diário, entregues às doenças, ao seu “bel prazer”, nosso corpo adocece.

Estamos diante de um fenômeno único, pelo menos de um século para cá! Impossibilitados de sair, ficamos super expostos às telas dos celulares e dos computadores, fragmentando a nossa atenção entre uma informação e outra. Fator gerador de ansiedade, o excesso de tecnologia também pode ser um dos responsáveis pela nossa diminuição de prazer (TESSARIOLI, 2013).

Outro fator que interfere no prazer é a falta de privacidade. Estamos obrigados a permanecer em nossas casas, a despeito de termos ou não uma condição mínima de privacidade. Inicialmente, aquelas pessoas que não foram privadas da companhia das suas parcerias sexuais, puderam ter uma sensação de privilégio, mas com o passar dos dias e dos meses, o que parecia ser uma regalia, se transformou, para alguns, em verdadeiras torturas.

E a violência doméstica aumentou.

Em abril de 2020 quando o isolamento social imposto pela pandemia já durava mais de um mês, a quantidade de denúncias de violência contra a mulher recebidas no Canal 180<sup>7</sup> deu um salto: cresceu quase 40% em relação ao mesmo mês de 2019, segundo dados do

<sup>7</sup> Central de Atendimento à Mulher – serviço de escuta e acolhida qualificada às mulheres em situação de violência.

Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH).

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) no estudo “Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19”, apresentados em maio, demonstram que o feminicídio no país cresceu 22,2% nos meses de março e abril desse ano, se comparado ao mesmo período do ano passado (BASÍLIO, 2020, p. 1).

Podemos depreender que esses dados traduzem o resultado do confinamento em que vítimas e agressores passaram a permanecer juntos – 24 h/dia, 7 dias/semana.

Enfim só, enfim sós ou o outro virou um inferno na nossa vida? Pessoas solteiras que já cultivavam o prazer da sua própria companhia puderam desfrutar melhor do seu tempo. Já quem tinha companhia fixa, teve que redescobrir a relação, apesar de muitos acharem demasiada a presença do outro.

Em atendimentos psicoterápicos, bem como através das redes sociais, as pessoas que estão isoladas com as suas parcerias, têm relatado diminuição do desejo sexual devido a superexposição ao outro. Como assegurar então este direito ao nosso prazer sexual? O desejo ou libido pode ser compreendido como um valor energético que pode ser transferido para qualquer área, seja para o poder, a fome, o trabalho, a religião, o ódio etc. (JUNG, 1973). Estaria ele, sendo postergado por conta dos afazeres domésticos, dos *home-offices*; sublimado por outros prazeres, como o da alimentação, das artes, da TV, ou abstraído por práticas transcendentais a exemplo das orações, da meditação ou da Yoga?

Não existem modelos possíveis de serem categorizados durante este distanciamento, isolamento e quarentena e cada pessoa precisa recorrer às soluções que forem mais adequadas à sua realidade, sabendo que a vida, mesmo que seja breve, é muito mais saborosa e leve quando pode ser vivida com prazer!

### **Prazer sexual na pandemia: o direito de fazer escolhas**

Tratar deste tema implica em discutir sobre direitos, ética, afeto, relações de gênero, saúde, entre outros. Destaca-se neste artigo que o prazer sexual que não está apenas ligado a genitalidade, está associado aos encontros em que estamos entregues, vivendo intensamente os instantes de conhecimento de si e do outro e os diferentes modos de lidar com o corpo de modo gratificante.

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto da doença causada pelo novo Coronavírus – a Covid-19 – constituía uma emergência de saúde pública de importância internacional (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020). Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma

pandemia, estabelecendo como uma das regras o afastamento social, situação que tem afetado a saúde mental, a saúde sexual e proporcionado problemas decorrentes da diminuição dos serviços prestados em saúde sexual e reprodutiva em razão do foco no combate ao vírus, repercutido nos relacionamentos.

A pandemia afetou o exercício da sexualidade em razão das dificuldades de encontro, convívio e proximidade, mas principalmente aumentou a prevalência de transtornos mentais, com episódios de pânico, agressividade, ansiedade, entre outros (BROOKS et al., 2020).

As possibilidades de encontros sexuais foram diminuídas por conta dos riscos de contaminação, principalmente os informais, sem os vínculos afetivos que dão o contorno do relacionamento formal ou estável. Evidenciaram-se situações as mais diversas como aumento da violência e desprazer nas relações afetivo-sexuais. Entretanto, mesmo com um maior controle e vigilância sobre os corpos, o exercício da sexualidade continua presente, é parte importante da saúde sexual, promove autoconfiança, prazeres e auxilia no bem-estar.

Nesse sentido, é importante considerar os modos como os relacionamentos estão ocorrendo, a instabilidade emocional, as consequências do distanciamento, da exposição de quem está trabalhando, da virtualidade que hoje faz parte da vida, associando-se sempre as condições singulares e concretas de vida.

Diminuição da libido, estresse, ansiedade e dificuldades na comunicação entre os casais, associados a sintomas de ordem física, como dor de cabeça, aumento dos batimentos cardíacos, falta de sono e fome; emocionais, como humor deprimido, raiva, preocupação excessiva; comportamentais, como irritabilidade; cognitivos, como a perda de memória, dificuldade de concentração e de tomar decisões tem afetado mulheres e homens de diferentes idades, provocando a diminuição da autoestima e o desgaste nas relações.

No contexto da pandemia, alguns dos principais estressores estão relacionados à duração da quarentena, desmotivação, frustração, poucas informações ou informações inadequadas, alterações como o medo de adoecer ou perder um ente querido. Entretanto, tudo depende também de características do sujeito, como a idade, o gênero, as experiências prévias e o temperamento, entre outras. Relacionam-se ainda às características do contexto, destacando-se a importância da rede de suporte social em seu entorno (ALDWIN, 2009).

O medo também tem reforçado velhos discursos sobre comportamento moral e julgamentos que responsabilizam as pessoas e de certa forma isentam outros, como os governantes, das responsabilidades com a saúde da população.

Então, neste momento em que vivemos uma condição de produção de mais sofrimento em razão da

pandemia do Covid-19 aliada às crises política e sanitária, intensificam-se todas as outras manifestações de descompasso emocional – a dificuldade em elaborar a situação, entender as condições ameaçadoras, a angústia e tudo mais que nos afeta.

As situações que vivenciamos com as recorrentes violações aos direitos sexuais e o aumento da violência nos lares justificam a importância da discussão para que o tema tenha maior visibilidade e os direitos possam ser garantidos.

Assim, compreender a importância da sexualidade, de conhecer-se, de saber sobre o corpo e lidar com ele neste momento nebuloso também perpassa pelo conhecimento dos direitos sexuais, como o exposto a seguir:

Todos têm o direito de usufruir dos direitos sexuais definidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer tipo, seja raça, etnia, cor, sexo, linguagem, religião, opinião política ou outra qualquer, origem social ou regional, local de residência, características, nascimento, deficiência, idade, nacionalidade, estado civil ou familiar, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, estado de saúde, situação econômica, social ou outra qualquer (WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH, 2014).

Neste contexto, importa destacar que todos devem ter os direitos sexuais com igualdade e sem sofrer discriminação, ou seja, os direitos deverão ser assegurados sem distinção. Os direitos sexuais também evidenciam o direito ao exercício da liberdade, da segurança pessoal que não podem ser limitados por motivos relacionados à sexualidade. O terceiro direito sexual estabelece o direito à tomada de decisões, o direito à autonomia e integridade corporal:

Todos têm o direito de controlar e decidir livremente sobre questões relativas à sua sexualidade e seus corpos. Isto inclui a escolha de comportamentos sexuais, práticas, parceiros e relacionamentos, desde que respeitados os direitos do próximo. A tomada de decisões livre e informada, requer consentimento livre e informado antes de quaisquer testes, intervenções, terapias, cirurgias ou pesquisas de natureza sexual (WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH, 2014).

Acrescentamos que o período da quarentena tem dificultado o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos até mesmo pelos impedimentos para o acesso às unidades de saúde, aos métodos contraceptivos e informações sobre a saúde sexual.

As transmissões ao vivo (*lives*) por meio das redes sociais e outras ferramentas virtuais têm proporcionado informações de modo simples e ágil, sem muitas vezes limitar o número de espectadores e tempo de exibição. Nessas transmissões, sexólogos e terapeutas têm discutido temas relativos à sexualidade e outros relacionados ao bem-estar e prazer no sexo, evidenciando que tem

ocorrido mais exposição nas redes sociais e busca por sexo virtual, pornografia, entre outros. De algum modo o contato com as redes sociais tem proporcionado o apoio psicológico e vivências prazerosas durante a pandemia da Covid-19 e busca de soluções para problemas em curso.

### **Prazer sem violência – direito sexual, direito humano**

Pensando no prazer como direito, nos indagamos como fica o prazer sexual quando a recomendação de “ficar em casa” nos impõe permanecer confinados com o companheiro/companheira o tempo todo em condições tão adversas, como o estresse, que perpassam pela instabilidade econômica, perda de empregos, alteração na rotina de trabalho, na rotina escolar e medo da contaminação (MORAES, 2020).

O que vimos no início da pandemia foi uma preocupação muito forte com a forma de obter prazer com o distanciamento proposto pelas autoridades sanitárias. Será que esse vírus era transmissível pelo sexo? Muitos já se questionavam. Esse prazer sexual envolve infinitas emoções, ações e interações positivas que foram ameaçados por outros sentimentos como a ansiedade e medo de contrair o novo Coronavírus. De acordo com Serapião, a ansiedade é um dos fatores que tem reflexo imediato na resposta sexual feminina e potencializada por uma carga de fatores externos ao ato sexual, como por exemplo, o aumento da carga de afazeres domésticos (SEXUALIDADE HUMANA..., 2020).

Passar mais tempo em casa, convivendo literalmente 24h com o parceiro/parceira alterou o prazer sexual, como também a própria relação interpessoal entre os casais. Infelizmente, por conseguinte, evidenciou-se um aumento de conflitos e pesquisas já apontam como consequência um crescimento de pedidos de divórcios na China e Itália (RUIZ-PÉREZ; PASTOR-MORENO, 2020). Decerto, esses casais já vinham com um equilíbrio instável de seu relacionamento para chegar a essa conclusão de que o divórcio seria a solução. Diríamos que a pandemia foi a gota d'água.

Entendemos que a medida de optar pela separação de corpos e do espaço habitado pela ação do divórcio seria uma alternativa para evitar que o ambiente familiar se tornasse violento e impactasse diretamente na formação das crianças e adolescentes que possam estar presentes nessa relação. Porém, essa opção vai depender de outras condições do casal, como por exemplo as condições socioeconômicas.

Serapião aponta que o confinamento compromete a comunicação interpessoal e cita uma metáfora bem interessante para descrever essa circunstância (SEXUALIDADE HUMANA..., 2020). Numa exposição de obras de arte impressionistas, a proximidade não nos deixa ver toda sua beleza; é preciso manter certa distância do quadro. Assim,

também acontece num relacionamento; para haver aproximação, requer um certo afastamento. Consonante com esta percepção, Abdo registra que em experimentos com ratos em situações de confinamento, há uma redução do interesse sexual, ou seja, o prazer sexual fica reduzido nesse momento com diminuição da libido e do desejo pelo “excesso de convivência” (SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL, 2020).

É certo que para os solteiros, esse distanciamento mudou a perspectiva de buscar prazer por meio de encontros amorosos presenciais. Em Nova Iorque, foram lançadas cartilhas pela prefeitura enfatizando o prazer consigo mesmo, com a importância da masturbação para esse período. Entretanto, também gerou mudanças na vida sexual daqueles que convivem com um companheiro ou companheira.

Para as mulheres, o “ficar em casa” pode se tornar ainda mais perigoso. Ficar em casa tem implicações sérias para aquelas que já convivem com parceiro abusador ou controlador. E como se concretiza o prazer sexual derivado de experiências eróticas, pensamentos, fantasias, sonhos, emoções e sentimentos, quando o direito sexual é violado?

Defendemos aqui o direito à sexualidade livre de todas as formas de violência ou coerção, constante na Declaração (Direito 5) que determina que:

Todos devem estar isentos de sexualidade relacionados à violência e coerção, tais como: estupro, abuso sexual, assédio sexual, assédio moral, exploração sexual e escravidão, tráfico para fins de exploração sexual, teste de virgindade e violência cometida por causa de práticas sexuais, orientação sexual, identidade de gênero e expressão, e pela diversidade corporal. (WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH, 2014).

Mesmo antes do aparecimento da Covid-19, a violência doméstica já era uma das maiores violações dos direitos humanos, segundo a Organização das Nações Unidas (NAÇÕES UNIDAS.... 2020). Esses períodos de quarentena tendem a colocar mulheres que vivem relacionamentos abusivos sob maior risco e, dessa forma, há um aumento do padrão de violência doméstica de forma repetida por todo o mundo. A possibilidade de ter experiências sexuais prazerosas e seguras é parte fundamental da saúde

sexual e do bem-estar de todos, reiterado pelo Direito 3 ao mencionar o direito a autonomia e integridade corporal.

Uma em cada três mulheres em todo o mundo já sofreu violência física e/ou sexual (STÖCKL et al., 2013) e é provável que esta crise sanitária do novo Coronavírus tenha aumentado ainda mais esses números.

Sabemos que a violência contra as mulheres pode resultar em lesões e problemas sérios de saúde físicos, mentais, sexuais e reprodutivos, incluindo Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), HIV e gravidez indesejada. A violência doméstica fere os direitos mencionados porque reúne uma série de violações contra a mulher/menina no espaço doméstico. Mulheres/meninas são as mais vulneráveis sem esquecer que se somam a esse marcador, questões de classe, raça e geração.

Estudo realizado por Marques e outros (2020) aponta que nas primeiras semanas de distanciamento social, nos momentos iniciais da crise, foi registrado em vários estados um aumento entre 40% e 50% nos casos de violência doméstica. Entre os 20 estados brasileiros que liberaram dados das secretarias de segurança pública, nove registraram juntos um aumento de 54%. Houve acréscimo de 17% no número de ligações denunciando a violência contra a mulher no mês de março de 2020. Nesse contexto de emergência, romper relações abusivas se constitui um desafio para governos e sociedade civil, incorporando estratégias de intervenções voltadas ao controle e redução de danos.

Se considerarmos o nível relacional, encontramos o maior tempo de contato com o agressor como um fator central. A redução do contato social da vítima com amigos e familiares fez com que as possibilidades de a mulher se vincular a uma rede de apoio social e buscar ajuda fugindo da situação de violência, fossem mais difíceis, reduzindo também as possibilidades de registrar reclamações com segurança e desestimulando mulheres para tomar esta decisão.

Uma busca rápida na base de dados Web Of Science (WOS) para levantamento de artigos de acesso aberto, no ano de 2020, com os descritores “sexualidade”, “Covid-19”, “mulheres” e “violência” obtivemos os seguintes dados:

**Quadro 1:** Artigos encontrados na Web Of Science

DESCRIPTOR	NÚMERO
Covid-19	10.055
Covid-19 e Mulher	530
Covid-19 e Sexualidade	10
Covid-19, Mulher e Violência	24

**Fonte:** elaboração das autoras (2020).



Não foi nossa intenção analisar esses artigos, contudo os dados indicam o panorama inicial de pesquisas que estão sendo produzidas em tempos da Covid-19 e a atenção que devemos ter com mulheres e meninas. O Conselho de Direitos Humanos da ONU apresentou, neste momento de tanta dor para muitas famílias, um documento que apontava a necessidade de “[...] eliminar todas as formas de discriminação contra mulheres e meninas” (NAÇÕES UNIDAS, 2020, p. 4), e que garantem acesso universal à educação sexual como uma das formas de lidar com a violência.

As experiências de prazer sexual humano são diversas e os direitos sexuais garantem que o prazer é uma experiência positiva para todos e não obtida pela violação e/ou coerção por outras pessoas. Essa violência pode ser por controle coercitivo, abuso econômico, ameaças, intimidação, abuso sexual, entre outras. Mais uma vez reiteramos que a educação em sexualidade permite à criança e adolescentes obterem serviços e informação que os permita perceber a violência e transformar a realidade na medida em que conhecem e reivindicam seus direitos.

### Considerações finais

Evidenciamos que ao comemorar o Dia Mundial da Saúde Sexual com a temática “Prazer Sexual em tempos de Covid-19” por meio da roda de conversa, nos comprometemos com a discussão dos direitos sexuais e reprodutivos, na medida em que se relacionam intimamente com a saúde geral e qualidade de vida das pessoas, muito afetada neste momento com o aparecimento de uma doença com alta taxa de letalidade. Nossa abordagem foi de encontro ao entendimento de que os direitos sexuais e reprodutivos estão fundamentados nos direitos humanos e por isso é imprescindível ter direito à informação, à educação sexual, à liberdade sexual, à autonomia sexual, à privacidade, à expressão, à escolha reprodutiva, à não violência e ao prazer sexual, este último o centro das celebrações.

As vivências das sexualidades, especialmente em tempos de crise sanitária, foram fortemente influenciadas por fatores externos, modificando nosso comportamento, desejo, preferências, atitudes, entretanto, foi também pano de fundo para o controle e violência de grupos mais vulneráveis.

Nesse sentido, salientamos a importância da discussão realizada para dar subsídios para que os direitos sexuais sejam garantidos e possam ser exercidos de forma plena sem que retrocessos possam comprometer a saúde das pessoas.

### Referências

- ALDWIN, C. *Stress, coping, and development: an integrative perspective*. 2. ed. New York: The Guilford Press, 2009.
- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BASÍLIO, A. T. A pandemia e a violência doméstica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 ago. 2020. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/08/1025034-a-pandemia-e-a-violencia-domestica.html>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BROOKS, S. et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, [s. l.], v. 395, n. 10227, p. 912-920, Feb. 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8). Acesso em: 10 Sept. 2020.
- FAGUNDES, T. C. P. C. Educação Sexual - Prós e Contras. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. III, n. 2, p. 154-158, 1992.
- FAGUNDES, T. C. P. C. Sexualidade, gênero e educação sexual. In: COSTA, A. A. A.; RODRIGUES, A. T.; VANIN, I. M. (org.). *Ensino e gênero: perspectivas transversais*. Salvador: UFBA - NEIM, 2011. p. 101-112.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- INSTITUTO ONCOGUIA. *Covid-19 deixa ao menos 50 mil sem diagnóstico de câncer*. São Paulo: Portal Oncoguia, 2020. Disponível em: <http://www.oncoguia.org.br/conteudo/covid19-deixa-ao-menos-50-mil-sem-diagnostico-de-cancer/13619/7/>. Acesso em: 01 set. 2020.
- JUNG, C. G. *Símbolos da transformação da libido*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- LOPEZ-PEDRAZA, R. *As emoções no processo terapêutico*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARQUES, E. S. et al. Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, e00074420, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X202000400505&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X202000400505&lng=en&nrm=iso)

MORAES, R. F. de. *Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva*. Brasília, DF: IPEA, 2020. Nota técnica, n. 27. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/200403\\_nt\\_diest\\_n\\_27.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200403_nt_diest_n_27.pdf). Acesso em: 18 ago. 2020.

NAÇÕES UNIDAS. ONU Mulheres. *COVID-19 e fim da violência contra mulheres e meninas*. Nova York, 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-e-meninas-devem-estar-no-centro-dos-esforcos-de-resposta-a-covid-19-apontam-mulheres-lideres/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

RUIZ-PEREZ, I. PASTOR-MORENO, G. Medidas de contención de la violencia de género durante la pandemia de Covid-19. *Gaceta Sanitaria*, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2020.04.005>. Acesso em: 18 ago. 2020.

SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL. [S. l.: s. l.], 2020. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal Febrasgo. Disponível em: [Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UicOaIWqgJQ](https://www.youtube.com/watch?v=UicOaIWqgJQ). Acesso em: 17 ago. 2020.

SEXUALIDADE HUMANA em tempos de Covid. [S. l.: s. l.], 2020. 1 vídeo (51 min). Publicado pelo canal Febrasgo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMivy0udBol>

STÖCKL, H. et al. The global prevalence of intimate partner homicide: a systematic review. *Lancet*, v. 382, n. 9895, p. 859-865, Sept. 2013. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(13\)61030-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(13)61030-2/fulltext)

TESSARIOLI, P. Prefácio: “Viver sob tensão abaixa o tesão”. In: RIBEIRO, H. C. F. et al. (org.). *As minhas, as suas, as nossas sexualidades*. São Paulo: CEPECoS, 2013. p. 13-31.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, Rio de Janeiro, v. 23, e200033, 2020.

VITIELLO, N. Outra vez a Educação Sexual. *Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1, mar/abr. 1992.

WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH. *Declaration of Sexual Rights*. 2014. Disponível em: [https://worldsexualhealth.net/wp-content/uploads/2013/08/declaration\\_of\\_sexual\\_rights\\_sep03\\_2014.pdf](https://worldsexualhealth.net/wp-content/uploads/2013/08/declaration_of_sexual_rights_sep03_2014.pdf). Acesso: 08 ago. 2020.